

Ideação suicida entre homens e masculinidade hegemônica: uma revisão sistemática

Suicidal ideation among men and hegemonic masculinity: a systematic review

Ideación suicida entre hombres y masculinidad hegemónica: una revisión sistemática

DOI: 10.54901/educa.v9-169

Davi Luis Bartz Benatti¹
Esmael Alves de Oliveira²

RESUMO: O artigo discute a complexa relação entre masculinidades e saúde mental, com foco no impacto das expectativas sociais sobre o masculino na ideação suicida entre homens. A construção social da masculinidade, vinculada a valores como virilidade, autocontrole e competitividade, limita estratégias de enfrentamento e dificulta a busca por apoio para questões emocionais, contribuindo para taxas elevadas de suicídio nesse grupo. Trata-se de uma revisão sistemática da literatura, realizada entre outubro de 2023 e fevereiro de 2024, seguindo as diretrizes PRISMA. Foram consultadas as bases PubMed e SciELO, com os descritores “masculinidade hegemônica”, “ideação suicida” e “saúde mental masculina”. Após triagem e análise, 25 artigos atenderam aos critérios de inclusão e compuseram o corpus da análise. Os resultados indicam que normas culturais associadas à masculinidade hegemônica estão relacionadas a maior risco de ideação e comportamento suicida, sobretudo em contextos de crise, como a pandemia de COVID-19. Conclui-se que as estratégias de prevenção ao suicídio devem incluir ações voltadas à desconstrução de estereótipos de gênero e ao fortalecimento de práticas de cuidado e apoio psicossocial sensíveis às especificidades das masculinidades.

Palavras-chave: masculinidade hegemônica; ideação suicida; saúde mental.

1 INTRODUÇÃO

A complexa relação entre masculinidades e saúde mental oferece uma discussão abrangente sobre as expectativas sociais acerca do masculino e seus reflexos sobre o bem-estar dos homens (Lima; Oliveira, 2024). Tal debate ganhou relevância nos últimos anos no campo da psicologia, emergindo da necessidade de entender os efeitos das normas sociais sobre os comportamentos e emoções desse segmento (González-Barrientos *et al.*, 2024). Historicamente, a construção social da masculinidade foi associada a um conjunto de valores estabelecidos, como virilidade, competitividade, força e ambição (Miranda *et al.*, 2021; Oliveira; Nascimento, 2025). Essas características impostas pela cultura aos sujeitos homens

¹ Graduando em Psicologia, Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD), Dourados, Mato Grosso do Sul, Brasil. E-mail: davi.benatti95@gmail.com

² Pós-doutor em Saúde Coletiva, Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD), Dourados, Mato Grosso do Sul, Brasil. E-mail: esmaeloliveira@ufgd.edu.br

limitam as estratégias de enfrentamento disponíveis, dificultando a busca por ajuda para lidar com o estresse e com os problemas emocionais (Lima; Oliveira, 2024; Baére; Zanello, 2020).

Dentro dessa discussão, a inter-relação entre o suicídio e a masculinidade exige maior atenção, devido a uma maior taxa de suicídio entre os homens (WHO, 2021). Essa conexão entre masculinidade e suicídio é reforçada principalmente pelas expectativas culturais, que levam os homens a ter dificuldade em externalizar seus sentimentos nas diversas situações da vida cotidiana, impactando negativamente sua saúde mental (Khan; Ratele, 2021; González-Barrientos *et al.*, 2024). Portanto, compreender como essas normas produzem e potencializam problemas emocionais é essencial para o desenvolvimento de estratégias de prevenção que atendam, também, às necessidades específicas dos homens. No ano em que se completam 17 anos da Política Nacional de Atenção Integral à Saúde do Homem (PNAISH), criada em 27 de agosto de 2009, e considerando os impactos da pandemia da covid-19 nas mais variadas esferas da vida humana, buscamos pensar de que modo a saúde mental dos homens tem sido problematizada na literatura acadêmica e quais os possíveis fatores produtores de agravo em saúde mental nesse grupo.

Assim, para compreender melhor o suicídio entre os homens, é essencial entender como a ideação suicida é influenciada pelas normas de masculinidade e pelas condições sociais mais amplas, tanto para desenvolver abordagens psicoterapêuticas específicas (González-Barrientos *et al.*, 2024) quanto por ser a ideação um importante indicador de comportamento suicida (Eggenberger *et al.*, 2023; Fan *et al.*, 2023). Além disso, ao questionar os efeitos sociais da masculinidade hegemônica, podemos abordar tal problemática não apenas a partir de uma perspectiva individualizante, mas, principalmente, a partir de um contexto mais amplo, atentos aos impactos dessas normatividades de gênero em toda a sociedade. Compreender os modos pelos quais se produzem as masculinidades e seus efeitos no âmbito subjetivo e social nos oportuniza a desconstrução das normatividades que impactam e obstaculizam a produção de saúde mental entre homens.

No presente estudo, buscamos contribuir para o debate a partir da seguinte pergunta: como a masculinidade hegemônica impacta a ideação suicida entre os homens? Acreditamos que, ao compreender como o discurso da masculinidade hegemônica influencia a ideação suicida, será possível desenvolver alternativas de prevenção mais eficazes para aqueles que sofrem, ou possam vir a sofrer, com esses efeitos.

Em termos metodológicos, realizamos uma revisão sistemática da literatura englobando o período de 2019 a 2024, utilizando as bases de dados PubMed e SciELO, de livre acesso. A revisão focou em artigos que abordam a temática do suicídio e das masculinidades, publicados

em inglês, espanhol e português. O recorte temporal justifica-se tanto pela relevância das produções acumuladas ao longo das últimas décadas sobre o tema quanto pela necessidade de considerar o impacto da pandemia de covid-19 em escala global e seus possíveis efeitos na saúde mental, da população em geral, e dos homens, em particular. Artigos que não atenderam aos critérios estabelecidos foram excluídos. A partir dos resultados, procuramos identificar os fatores que contribuem para a perpetuação de normas que impactam a saúde mental dos homens.

Para fins de organização, o artigo está dividido em três partes. Na primeira, elaboramos um breve panorama sobre o campo de estudos das masculinidades. Na segunda, apresentamos os resultados da revisão sistemática da literatura. Na terceira, considerando os resultados obtidos, desdobramos uma análise sobre os principais eixos temáticos identificados a partir da revisão. Por fim, nas conclusões, destacamos o impacto das normas da masculinidade hegemônica na saúde mental dos homens, particularmente sobre sua influência na constituição da ideação suicida. Essas normas, que impõem restrições emocionais, autossuficiência e infalibilidade, criam barreiras para a busca de ajuda. Esta revisão também ressalta a importância de políticas de saúde mental que considerem a pluralidade de masculinidades, levando em conta fatores como raça, classe e outros marcadores sociais de diferença (González-Barrientos *et al.*, 2024).

2 REFERENCIAL TEÓRICO

O campo de estudos das masculinidades abrange uma diversidade de perspectivas teóricas e metodológicas, sendo fruto das reflexões e desconstruções promovidas pelo movimento feminista ao longo da segunda metade do século XX, com desdobramentos mais acentuados a partir da década de 1990 (Medrado; Lyra, 2008; Oliveira; Nascimento; Lopes, 2024). Ao examinar as identidades e os comportamentos associados ao masculino, bem como as estruturas de poder e as expectativas sociais que moldam essas experiências, esse campo emergiu em resposta às críticas feministas ao patriarcado (Medrado; Lyra, 2008). Seu objetivo é compreender como a masculinidade é socialmente construída e perpetuada. Autores e autoras como Michael Kimmel (1987), Elizabeth Badinter (1992), Raewyn Connell (1995), Pierre Bourdieu (2012[1998]) e Miguel Vale de Almeida (1995) destacam-se como pioneiros nessa reflexão.

Elizabeth Badinter (1992), filósofa francesa, é conhecida por seu trabalho seminal “XY: Sobre a identidade masculina”, no qual explora a construção social da masculinidade e como

ela é moldada desde a infância. Badinter argumenta que os homens são pressionados a se conformar a ideais rígidos de masculinidade que podem ser prejudiciais tanto para eles quanto para as mulheres.

Raewyn Connell, socióloga australiana, é uma das figuras mais influentes nesse campo. Em sua obra “Masculinities” (1995), Connell introduz o conceito de masculinidade hegemônica, que se refere ao padrão cultural dominante de masculinidade que subordina outras formas de ser homem e é central para a manutenção da ordem patriarcal. Connell destaca a pluralidade das masculinidades e como diferentes formas de masculinidade interagem e se hierarquizam.

Michael Kimmel (1987), sociólogo americano, também contribuiu significativamente para os estudos de masculinidade. Em “The cult of masculinity: American social character and the legacy of the cowboy” e outros trabalhos, Kimmel analisa como as mudanças econômicas e sociais afetam as identidades masculinas, especialmente nos Estados Unidos. Ele explora como as pressões para cumprir certos padrões de masculinidade podem levar a comportamentos destrutivos e a crises de identidade.

Pierre Bourdieu, sociólogo francês, com seu conceito de “dominação masculina”, fornece uma análise estrutural das relações de gênero. Em seu livro “A Dominação Masculina” (2012[1998]), Bourdieu argumenta que a dominação masculina é naturalizada e internalizada tanto por homens quanto por mulheres, perpetuando um sistema simbólico que reforça a desigualdade de gênero. Sua abordagem ilumina como as práticas cotidianas e as instituições sociais reforçam as hierarquias de gênero.

Outro autor importante e nem sempre reconhecido para além de seu campo disciplinar é o antropólogo português Miguel Vale de Almeida. Na obra “Senhores de Si: Uma interpretação antropológica da masculinidade” (1995), Vale de Almeida apresenta uma contribuição fundamental para os estudos de masculinidades, especialmente no contexto português. Resultado de sua tese de doutorado e publicado pela primeira vez em 1995, o livro oferece uma análise detalhada de como a masculinidade é vivida, representada e negociada em diferentes contextos culturais e sociais. Tomando como lócus de análise as relações sociais entre homens de um vilarejo português, Vale de Almeida adota uma perspectiva antropológica para investigar as masculinidades, destacando a complexidade e a pluralidade dessas identidades nos espaços de sociabilidade. Ele explora como os homens constroem suas identidades masculinas por meio de práticas cotidianas, rituais e narrativas, e como essas construções são influenciadas por fatores históricos, culturais e econômicos.

No Brasil, especificamente no campo da psicologia, destacam-se os trabalhos de alguns pesquisadores, como Benedito Medrado (1997), cuja discussão sobre masculinidades remonta à década de 1990 com sua dissertação defendida em 1995, na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), voltada à compreensão da construção das masculinidades a partir da propaganda televisiva. Além de Medrado, registra-se a contribuição do psicólogo e sanitarista Marcos Ferreira do Nascimento (2001), com uma dissertação defendida no Instituto de Medicina Social da UERJ sobre homens autores de violência doméstica.

Mais recentemente, no campo das práticas clínicas e da interface entre psicologia e estudos de gênero, destacam-se produções que tensionam as masculinidades a partir de experiências situadas. Nesse sentido, o artigo de João Pedro Nowak de Lima e Esmael Alves de Oliveira (2024) propõe uma reflexão ancorada em trajetórias clínicas e acadêmicas distintas, mobilizando o estudo de caso como estratégia metodológica para analisar os efeitos das masculinidades na constituição subjetiva de homens. Em diálogo com o campo dos estudos de masculinidades e com a psicanálise de orientação lacaniana, os autores compreendem as masculinidades como um dispositivo político-ideológico atravessado por dinâmicas complexas de poder de gênero, evidenciando como normas e expectativas sociais incidem tanto nas experiências subjetivas quanto nas relações intersubjetivas.

De modo complementar, o estudo de Adriano Beiras e David Tiago Cardoso (2024) amplia essa discussão ao investigar como o conceito de masculinidades é mobilizado na psicoterapia contemporânea, especialmente a partir de abordagens alinhadas ao construcionismo social. A partir de uma pesquisa qualitativa-exploratória com psicoterapeutas brasileiros, os autores evidenciam a pluralidade de usos e compreensões do conceito no contexto clínico, destacando a relevância de estratégias conversacionais e da articulação entre dimensões macrosociais e microrrelacionais no manejo de demandas masculinas. Os resultados apontam que a incorporação do debate sobre masculinidades pode contribuir para práticas de cuidado em saúde mental mais contextualizadas e integradas, ainda que nem sempre fundamentadas em referenciais sociológicos ou acadêmicos sistemáticos. Tal levantamento não pretende ser exaustivo. É importante destacar que há uma intensa produção sobre a temática no Brasil que agrega pesquisas e temáticas de diferentes ordens e dos mais variados escopos teóricos, metodológicos e disciplinares (Camilo; Silva Junior, 2022; Caetano; Silva Junior, 2022; Oliveira; Nascimento; Lopes, 2024). Uma revisão adensada escaparia aos objetivos do presente artigo.

3 METODOLOGIA

Este estudo consistiu em uma revisão sistemática da literatura, conduzida de acordo com as diretrizes PRISMA (Preferred Reporting Items for Systematic Reviews and Meta-Analyses). Foram consultadas as bases de dados PubMed e SciELO entre outubro de 2023 e fevereiro de 2024.

Estratégia de busca: Utilizaram-se os descritores em inglês, português e espanhol: suicide OR suicídio AND masculinity OR masculinidade OR masculinidades. Os operadores booleanos empregados foram “AND” e “OR”. Não foram aplicados filtros por tipo de estudo, sendo incluídos artigos originais e revisões. O idioma foi restrito a inglês, português e espanhol, no período de 2019 a 2024.

Foram considerados como critérios de inclusão os estudos que abordassem explicitamente a relação entre masculinidades (hegemônica, tradicionais ou alternativas) e ideação ou comportamento suicida, publicações de acesso aberto disponíveis na íntegra, estudos de natureza qualitativa ou revisões, publicados entre janeiro de 2019 e fevereiro de 2024. Como critérios de exclusão, foram descartados trabalhos que abordassem o suicídio sem referência direta às masculinidades, bem como editoriais, cartas ao editor, dissertações e teses, além de estudos publicados em línguas diferentes das previamente especificadas. O processo de seleção resultou inicialmente em 152 registros; após a remoção de duplicatas e a triagem por título e resumo, 43 artigos foram considerados elegíveis para leitura na íntegra. Destes, 18 foram excluídos por não atenderem aos critérios de inclusão, totalizando 25 artigos analisados qualitativamente.

3.1 Resultados

Abaixo, conforme a tabela 1, apresentamos a relação dos artigos que atenderam aos critérios de seleção.

Tabela 1. *Artigos encontrados após os critérios da pesquisa*

Código	Nome	Primeiro Autor	Periódico	Base de Dados	N.º	Método	Área de Estudo	País
A01	Adherence to Masculinity Norms and Depression Symptoms Among Israeli Men:	Aharon, Gal	American journal of men's health	MEDLINE	2024	Quantitativo	Psicologia	Israel

The Moderating Role of Psychological Flexibility (online)								
A02	Suicide and medical practices: Assessing the way of life among Colombian coffee-growing rural men in mental health care	Nieto -Betancurt, Lucy	Salud Colect	MEDLINE	2024	Qualitativo	Antropologia	Colômbia
A03	Adolescent Predictors of Firearm Suicide Over Four Decades of Life in U.S. Men.	Conner, Kenneth R	Am J Prey Med	MEDLINE	2024	Quantitativo	Psicologia	Estados Unidos
A04	"Hey Amir, How Are You REALLY Doing?": Participant Perspectives of a Peer-Based Suicide Prevention Campaign for Men.	Sharp, Paul	Am J Mens Health	MEDLINE	2023	Quantitativo Qualitativo	Saúde Pública	Canadá
A05	Men's Behavior and Communication in the Days Prior to a Suicide-A Psychological Autopsy Study.	Hofmann, Laura	Int J Environ Res Public Health	MEDLINE	2023	Quantitativo Qualitativo	Psicologia	Alemanha
A06	Using an Intersectional Approach to Explore the Lived Mental Health Experiences of Traveller Men Affected by Suicide in Ireland.	Richardson, Noel	Am J Mens Health	MEDLINE	2023	Qualitativo	Psicologia	Irlanda
A07	Suicidal ideation in men during COVID-19: an examination of protective factors.	Seidler, Zac E	BMC Psychiatry	MEDLINE	2023	Quantitativo Qualitativo	Psicologia	Austrália
Código	Nome	Primeiro Autor	Periódico	Base de Dados	N.º	Método	Área de Estudo	País
A08	"There's No Sewing Classes, There's No Bedazzling Seminars": The Impact of Masculinity on Social Connectedness and Mental Health for Men Living in InnerRegional Australia.	Bonell, Sarah	Sex Roles	MEDLINE	2023	Qualitativo	Antropologia	Austrália

A09	Muertes por suicidio en Personas Mayores y género masculino en Chile: Una reflexión pendiente	Estadella-Guerra, Consuelo	Rev, chil, neuro psiquiatr	MEDLINE	2023	Revisão Bibliográfica	Psicologia	Chile
A10	Suicidal Ideation in the Australian Construction Industry: Prevalence and the Associations of Psychosocial Job Adversity and Adherence to Traditional Masculine Norms.	Tyler, Simon	Int J Environ Res Public Health	MEDLINE	2022	Quantitativo	Psicologia	Austrália
A11	The Origins and Evolution of the Field of Masculinity and Suicide: A Bibliometric and Content Analysis of the Research Field.	Scotti Requema, Simone	Arch Suicide Res	MEDLINE	2022	Quantitativo-Qualitativo	Psicologia	Austrália
A12	The Gender Paradox: Understanding the Role of Masculinity in Suicidal Ideation.	Griffin, Laura	Am J Mens Health	MEDLINE	2022	Quantitativo	Psicologia	Austrália
A13	Emotional constraint, father-son relationships, and men's wellbeing.	Cleary, Anne	Front Social	MEDLINE	2022	Qualitativo	Sociologia	Irlanda
A14	Gender Self-Confidence as a Protective Factor for Suicide Risk: Analysis of the Sample of Lithuanian Men.	Grigiene, Dovile	Front Psychol	MEDLINE	2022	Quantitativo	Psicologia	Lituânia
Código	Nome	Primeiro Autor	Periódico	Base de Dados	N.º	Método	Área de Estudo	País
A15	Men, suicide, and family and interpersonal violence: A mixed methods exploratory study.	Fitzpatrick, Scott J	Sociol Health Illn	MEDLINE	2022	Quantitativo-Qualitativo	Sociologia	Austrália
A16	Promoting Healthier Masculinities as a Suicide Prevention Intervention in a Regional Australian Community: A Qualitative Study of Stakeholder Perspectives.	Trail, Katherine	Front Social	MEDLINE	2021	Qualitativo	Sociologia	Austrália

A17	Create Solidarity Networks: Dialogs in Reddit to Overcome Depression and Suicidal Ideation among Males.	Redondo-Sa ma, Gisela	Int J Environ Res Public Health	MEDLINE	2021	Qualitativo	Sociologia	Espanha
A18	"Eventually, I Admitted, 'I Cannot Do This Alone'": Exploring Experiences of Suicidality and Help-Seeking Drivers Among Australian Men.	Seidler, Zac E	Front Sociol	MEDLINE	2021	Qualitativo	Sociologia	Austrália
A19	What kills the agricultural worker? A systematic review on suicide.	Barbosa Junior, Moisés	Rural Remote Health	MEDLINE	2021	Revisão Sistemática	Medicina	Brasil
A20	"I'm Not Afraid of Dying Because I've Got Nothing to Lose": Young Men in South Africa Talk About Nonfatal Suicidal Behavior.	Bantjens, Jason	Am J Mens Health	MEDLINE	2021	Qualitativo	Sociologia	África do Sul
A21	"Is Life Worth Living?": The Role of Masculinity in the Way Men Aged Over 80 Talk About Living, Dying, and Suicide.	King, Kylie	Am J Mens Health	MEDLINE	2020	Qualitativo	Psicologia	Austrália

Fonte: Elaborado pelos autores (2026).

4 DISCUSSÃO E RESULTADOS

A análise do conjunto de estudos selecionados permitiu identificar que a relação entre masculinidade hegemônica e ideação suicida nos homens se estrutura em um campo de tensões, no qual fatores sociais, simbólicos e subjetivos interagem de maneira complexa. As produções revisadas convergem ao demonstrar que as normas tradicionais de gênero, ao prescreverem ideais de força, autonomia financeira e invulnerabilidade emocional, criam condições propícias ao sofrimento psíquico e ao silenciamento das vulnerabilidades. Para fins de sistematização analítica, os achados foram organizados em três eixos principais: (i) a conexão entre instabilidade financeira e ideação suicida, (ii) os efeitos das interseções entre masculinidade e marcadores sociais de diferença, como orientação sexual e etnia, e (iii) a supressão da angústia e a estigmatização da busca por ajuda. Esses eixos, ainda que analiticamente separados, revelam

dinâmicas interdependentes que tensionam a construção de identidades masculinas e impactam a saúde mental de formas diversas, conforme o contexto histórico e cultural de cada população estudada.

4.1 A Conexão entre Instabilidade Financeira e a Ideação Suicida

A instabilidade financeira tem se destacado como um fator de risco relevante na ideação suicida entre homens, sobretudo quando analisada à luz das normas de masculinidade hegemônica. Estudos revelam que o desemprego, a perda de renda e a dificuldade em cumprir o papel tradicional de provedor podem gerar sentimentos de inadequação, vergonha e fracasso, intensificando o sofrimento psíquico (Overholser *et al.*, 2012; Oliffe *et al.*, 2015). Esses efeitos não decorrem apenas da privação material, mas da desestabilização simbólica da identidade masculina construída em torno do trabalho, da autonomia e do sustento familiar.

Ao analisar relatos de homens jovens na África do Sul, Khan e Ratele (2021) evidenciam que os ideais internalizados de sucesso econômico, fortemente atravessados por expectativas sociais de masculinidade, podem acentuar sensações de desesperança diante da pobreza e da vulnerabilidade. Um dos entrevistados afirma: “Eu simplesmente senti que as coisas estavam difíceis: eu não conseguia alcançar os padrões que tentei estabelecer para mim mesmo.” Esse testemunho ilustra o impacto subjetivo da falha em corresponder às normas sociais de êxito masculino, o que, segundo os autores, pode contribuir para a intensificação de pensamentos suicidas.

De forma semelhante, estudos conduzidos por King *et al.* (2020) e Milner *et al.* (2018) apontam que eventos como o desemprego e o divórcio funcionam como gatilhos importantes para sintomas de depressão e ideação suicida. Tais eventos não apenas fragilizam a estabilidade material dos homens, mas ameaçam seu capital simbólico, desestruturando posições sociais construídas a partir de um ideal de masculinidade produtiva, autônoma e racional.

Essa leitura pode ser aprofundada por meio dos conceitos de Pierre Bourdieu, especialmente os de capital econômico, capital simbólico e violência simbólica. A perda de capital econômico (emprego, renda, estabilidade) compromete diretamente o capital simbólico que legitima o reconhecimento social da masculinidade (Bourdieu, 2012). Nesse processo, a violência simbólica opera ao impor aos homens a internalização das normas sociais como se fossem naturais, mesmo quando elas produzem sofrimento. Assim, muitos homens tendem a interpretar suas dificuldades financeiras como fracassos pessoais, e não como reflexo de desigualdades estruturais, o que aprofunda sentimentos de culpa, desvalia e impotência.

O estudo de Seaton *et al.* (2017) corrobora essa análise ao mostrar que, mesmo diante de sofrimento intenso, muitos homens relutam em buscar apoio, pois percebem essa atitude como um sinal de fraqueza, o que compromete ainda mais sua saúde mental. Essa recusa, longe de ser apenas uma escolha individual, revela-se como efeito de um *habitus* masculinizado que valoriza a contenção emocional e a performance de autossuficiência - traços reiteradamente associados ao “bom homem” na ordem simbólica ocidental.

A partir desses achados, compreende-se que a relação entre instabilidade financeira e ideação suicida não pode ser reduzida a uma causalidade linear, mas deve ser analisada dentro de um complexo campo de forças onde gênero, classe e subjetividade interagem (Connell; Messerschmidt, 2013). A pressão para corresponder ao ideal de provedor, a vergonha diante da falha e o silenciamento do sofrimento compõem um cenário que exige estratégias de cuidado sensíveis às masculinidades plurais, às vulnerabilidades sociais e às formas específicas de sofrimento que atravessam os corpos e trajetórias dos homens.

4.2 Masculinidade, Diversidade e Exclusão

A revisão da literatura demonstra que a relação entre masculinidade hegemônica e saúde mental é particularmente complexa entre homens que integram minorias sexuais e étnicas. Pesquisas indicam que, nessas populações, as expectativas sociais de conformidade aos ideais heteronormativos e *viris* não apenas geram conflitos identitários, mas também ampliam o risco de sofrimento psíquico e ideação suicida (King *et al.*, 2020; Dickey *et al.*, 2015).

O estudo de King *et al.* (2020) aponta que homens gays, bissexuais e trans enfrentam uma pressão duplamente nociva: de um lado, a necessidade de se afirmar como “suficientemente masculinos” segundo padrões culturais que deslegitimam outras expressões de gênero e sexualidade; de outro, a vivência de estigma e violência simbólica que reforçam o sentimento de inadequação. Essa tensão pode gerar isolamento social, internalização de preconceitos e sensação de não pertencimento, fatores associados ao risco aumentado de ideação suicida (Silva *et al.*, 2015).

Os relatos qualitativos reunidos por Dickey *et al.* (2015) ilustram como, desde a infância, muitos homens sexualmente dissidentes percebem a cobrança para se adequar a modelos normativos de masculinidade. Um participante mencionou: “Eu tinha dificuldade de socializar porque minha voz era suave e meus gestos não eram ‘masculinos’ o bastante.” Esse testemunho evidencia que a rejeição começa precocemente e atua como uma forma de violência

simbólica (Bourdieu, 2012), minando as bases do capital social e simbólico necessárias ao reconhecimento e pertencimento.

A interseccionalidade de marcadores como etnia, território e orientação sexual emerge de forma contundente em estudos como o de Sagar-Ouriaghli *et al.* (2020), que investigou homens da etnia Pavee (Viajantes Irlandeses). Para esses indivíduos, a exclusão econômica e o preconceito étnico se somam ao estigma em torno da sexualidade, produzindo condições singulares de vulnerabilidade. Um participante relatou: “Se você mora num acampamento, é difícil sair se for gay ou bissexual. Esse sentimento vai ficar até que a pessoa se case e aja ‘normalmente’.” Tais experiências refletem a sobreposição de diferentes formas de opressão que reduzem possibilidades de acolhimento e cuidado.

A literatura sugere que a vivência de “dupla marginalização” - pela orientação sexual e pela condição étnica ou social - amplia barreiras no acesso a serviços de saúde mental e compromete o desenvolvimento de estratégias de enfrentamento (Godfrey *et al.*, 2020). O conceito de habitus, de Bourdieu, ajuda a compreender como essas expectativas internalizadas moldam disposições subjetivas e estratégias de ação. Quando os homens, para manter pertencimento ao grupo, reprimem aspectos centrais de sua identidade, consolidam trajetórias marcadas por silenciamento, vergonha e retraimento social.

Nesse sentido, a masculinidade hegemônica atua como um dispositivo que produz e legitima hierarquias entre homens, invisibilizando aqueles que destoam do padrão cis-heteronormativo e branco (Connell, 1995; Connell & Messerschmidt, 2013). Esse processo dificulta não apenas a busca por ajuda, mas a construção de narrativas sobre si que não estejam fundamentadas na culpa e na negação.

A compreensão dessas dinâmicas interseccionais é fundamental para o desenvolvimento de políticas públicas e práticas clínicas mais inclusivas, capazes de reconhecer a pluralidade de experiências masculinas e os atravessamentos históricos, culturais e territoriais que configuram o sofrimento psíquico (Lima; Oliveira, 2024). Estratégias de prevenção que desconsiderem essas nuances tendem a reproduzir exclusões e a manter os riscos de sofrimento e ideação suicida elevados entre homens de minorias sexuais e étnico-raciais.

4.3 “Homem Não Sofre”: a Supressão da Angústia

A literatura revisada demonstra que a repressão emocional, entendida como um imperativo da masculinidade hegemônica, aparece como um dos elementos mais consistentes na explicação da ideação suicida entre homens (Milner *et al.*, 2018; Wong *et al.*, 2017). Esse

padrão de comportamento está relacionado a uma lógica de subjetivação marcada pelo estoicismo e pela recusa da vulnerabilidade, produzida e reproduzida socialmente ao longo do ciclo de vida masculino (Connell, 1995; Lima; Oliveira, 2024; Oliveira; Nascimento, 2025).

Estudos qualitativos como o de Godfrey *et al.* (2020) revelam que, em contextos de crise, muitos homens hesitam em buscar ajuda ou verbalizar seu sofrimento, por receio de fragilizarem sua imagem pública. Essa recusa à ajuda não deve ser compreendida como uma decisão individual, mas como resultado de um *habitus* de gênero construído sob pressões simbólicas para performar uma masculinidade autocentrada, invulnerável e autossuficiente (Bourdieu, 2012).

Esses achados permitem afirmar que a supressão da angústia não se limita a um traço psicológico, mas constitui um dispositivo de gênero que regula os modos de sentir, expressar e vivenciar o sofrimento psíquico entre homens. Dessa forma, o que a princípio pode parecer uma ausência de demanda por cuidado, revela-se, na verdade, como efeito da internalização de normas que interditam o acesso à escuta e ao acolhimento (Oliveira; Nascimento, 2025).

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente revisão sistemática evidencia de forma consistente que os modelos normativos de masculinidade hegemônica exercem impactos profundos e multifacetados sobre a saúde mental dos homens, especialmente no que tange à ideação suicida. Ao reunir estudos recentes publicados entre 2019 e 2024, este trabalho contribui para o campo ao consolidar evidências de que as normas de gênero - pautadas na autossuficiência, no provimento econômico e na repressão emocional - atuam como barreiras significativas ao reconhecimento e ao enfrentamento do sofrimento psíquico masculino.

Os resultados apontam que a dificuldade em acessar serviços de saúde mental decorre, em grande medida, do receio de estigmatização e do temor de serem percebidos como fracos ou fracassados. Ao mesmo tempo, observa-se uma lacuna importante na literatura no que se refere à intersecção entre saúde mental dos homens e marcadores sociais, como raça, classe, orientação sexual, deficiência e territorialidade (González-Barrientos *et al.*, 2024). Embora alguns estudos iniciais abordem essa pluralidade, são necessários mais dados empíricos que explorem como homens que ocupam posições subalternas e periféricas experienciam o sofrimento psíquico, sobretudo em contextos de crise como a pandemia de COVID-19.

A principal contribuição deste estudo reside na síntese crítica desses achados, que demonstra a urgência de intervenções em saúde mental sensíveis ao gênero e capazes de

desconstruir estereótipos de masculinidade que aprofundam desigualdades e vulnerabilidades. Políticas públicas e práticas clínicas que considerem as diferentes expressões da masculinidade podem ter maior eficácia na prevenção da ideação e do comportamento suicida.

Para estudos futuros, recomenda-se investigar os impactos específicos da pandemia de COVID-19 sobre a saúde mental de homens em diferentes contextos sociais e culturais, bem como desenvolver e avaliar intervenções psicossociais que articulem marcadores como gênero, raça, classe e sexualidade. Além disso, destaca-se a importância da realização de estudos longitudinais que permitam identificar de que modo as transformações nas normas de masculinidade influenciam, ao longo do tempo, os padrões de sofrimento psíquico entre homens e as estratégias de busca por ajuda.

Ao promover uma abordagem plural e interseccional, espera-se que futuras pesquisas e políticas públicas avancem na construção de estratégias mais equitativas, inclusivas e eficazes de promoção da saúde mental dos homens.

REFERÊNCIAS

BADINTER, Elisabeth. **XY - De l'identité masculine**. Paris, France: Éditions Odile Jacob, 1992.

BEIRAS, Adriano; CARDOSO, David Tiago. Psicoterapia com homens: experiências, desafios e estratégias de psicoterapeutas socioconstrucionistas. **Psicoperspectivas**, v. 23, n. 2, p. 1-13, 2024. Disponível em: <https://doi.org/10.5027/psicoperspectivas-Vol23-Issue2-fulltext-3219>

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. 11ª ed. Rio de Janeiro, Brasil: Bertrand Brasil, 2012.

CAETANO, Marcio; SILVA JUNIOR, Paulo Melgaço da (Orgs). **De guri a cabra-macho: Masculinidades no Brasil**. Rio de Janeiro: Lamparina, 2022.

CAMILO, Vandelir; SILVA JUNIOR, Paulo Melgaço da (Orgs). **Masculinidades negras: novos debates ganhando forma**. São Paulo: Ciclo Contínuo Editorial, 2022.

CONNELL, Raewyn W. (1995). **Masculinities**. Cambridge, UK: Polity Press.

CONNELL, Raewyn W.; MESSERSCHMIDT, James W. Masculinidade hegemônica: repensando o conceito. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 21, n. 1, p. 241-282, 2013.

DE BAÉRE, Felipe; ZANELLO, Valeska. Suicídio e masculinidades: Uma análise por meio do gênero e das sexualidades. **Psicologia em Estudo**, Maringá, 25, p. 1-15, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.4025/psicoestud.v25i0.44147>

DICKEY, Iore. M.; REISNER, Sari L.; JUNTUNEN, Cindy Lee. Non-suicidal self-injury in a large online sample of transgender adults. **Professional Psychology: Research and Practice**, v. 46, n.1, p. 3-11, 2015. Disponível em: <https://doi.org/10.1037/a0038803>

EGGENBERGER, Lukas; EHLERT, Ulrike; WALTHER, Andreas. New directions in male-tailored psychotherapy for depression. **Frontiers in Psychology**, 14, 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.3389/fpsyg.2023.1146078>

FAN, Qing; LIU, Qianwen; LIU, Cuizhen; WANG, Zhenhong. Childhood trauma and suicidal ideation among Chinese adolescents: The mediating effects of character strengths and perceived stress. **Journal of Psychiatric and Mental Health Nursing**, v. 30, n. 3, p. 526–536, 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.1111/jpm.12892>

GONZÁLEZ-BARRIENTOS, Marcela; RIVERA-AGUILERA, Guillermo; URBINA, Carolina; AGUAYO, Francisco; BEIRAS, Adriano. Salud mental masculina y psicoterapia con hombres. **Psicoperspectivas. Individuo y Sociedad**, v. 23, n. 2, p. 1–7, 2024. Disponível em: <https://doi.org/10.5027/psicoperspectivas-Vol23-Issue2-fulltext-3315>

KHAN, Anisur Rahman; RATELE, Kopano. Men and COVID-19: Explicating the need for masculinity analysis. **Journal of Community Positive Practices**, v. 21, n. 1, p. 3–7, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.35782/jcpp.2021.1.01>

KIMMEL, Michael. S. The cult of masculinity: American social character and the legacy of the cowboy. In: KAUFMAN, Michael. (Ed.), **Beyond patriarchy: Essays by men on pleasure, power, and change**. Toronto, Canada: Oxford University Press, 1987. pp. 235–249.

KING, Tania L.; SHIELDS, Marissa; SOJO, Victor; DARAGANOVA, Galina; CURRIER, Diane; O'NEIL, Adrienne; KING, Kylie; MILNER, Allison. Expressions of masculinity and associations with suicidal ideation among young males. **BMC Psychiatry**, 20, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1186/s12888-020-2475-y>

LIMA, João Pedro Nowak de; OLIVEIRA, Esmael Alves de. “Quando dois homens se encontram”: Dilemas e estranhamentos com as masculinidades em um trabalho clínico. **Psicoperspectivas**, v. 23, n. 2, p. 1-13, 2024. Disponível em: <https://doi.org/10.5027/psicoperspectivas-Vol23-Issue2-fulltext-3191>

MEDRADO, Benedito. **O masculino na mídia: Repertórios sobre masculinidade na propaganda televisiva brasileira** [Dissertação de mestrado, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo], 1997. Disponível em: <https://www.dropbox.com/scl/fi/9nc1peogxuawupusy6thv/Medrado.pdf?rlkey=4o2d8nr306g45w9cz11tkcwhi&e=1>

MEDRADO, Benedito; LYRA, Jorge. Por uma matriz feminista de gênero para os estudos sobre homens e masculinidades. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 16, n. 3, p. 809-840, 2008. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0104-026X2008000300005>

MILNER, Allison; KAVANAGH, Anne; KING, Tania; CURRIER, Dianne. The influence of masculine norms and occupational factors on mental health: Evidence from the baseline of the

Australian longitudinal study on male health. **American Journal of Men's Health**, v. 12, n. 4, p. 696–705, 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.1177/1557988317752607>

MIRANDA, Sergio Vinicius Cardoso de; OLIVEIRA, Pamela Scarlat Duraes; SAMPAIO, Cristina Andrade; VASCONCELLOS, Luiz Carlos Fadel de. Singularidades do trabalho rural: Masculinidades e procura por serviços de saúde em um território norte mineiro. **Physis: Revista de Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 31, n. 2, p. 1–20, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/s0103-73312021310217>

NASCIMENTO, Marcos Antonio Ferreira do. **Desaprendendo o silêncio: Uma experiência de trabalho com grupos de homens autores de violência contra a mulher** [Dissertação de mestrado, Universidade do Estado do Rio de Janeiro], 2001. Disponível em: <http://www.bdt.d.uerj.br/handle/1/4035>

OLIFFE, John L.; HAN, Christina S. E.; DRUMMOND, Murray; STA MARIA, Estephannie; BOTTORFF, Joan L.; CREIGHTON, Genevieve. Men, masculinities, and murder-suicide. **American Journal of Men's Health**, v. 9, n. 6, p. 473–485, 2015. Disponível em: <https://doi.org/10.1177/1557988314551359>

OLIFFE, John L.; OGRODNICZUK, John S.; GORDON, Susan J.; CREIGHTON, Genevieve; KELLY, Mary T.; BLACK, Nick; MACKENZIE, Corey. Stigma in male depression and suicide: A Canadian sex comparison study. **Community Mental Health Journal**, v. 52, n. 3, p. 302–310, 2016. Disponível em: <https://doi.org/10.1007/s10597-015-9986-x>

OLIVEIRA, Esmael Alves de; NASCIMENTO, Marcos; LOPES, Moisés. Masculinidades contemporâneas: Cruzando temas e perspectivas. **Campos - Revista de Antropologia Social**, Curitiba, v. 25, n.1, p. 9-27, 2024. Disponível em: <https://doi.org/10.5380/cra.v25i1.92116>

OLIVEIRA, Esmael Alves de; NASCIMENTO, Marcos. Educação “para” e “com” homens: desafios e possibilidades para uma (des)construção da casa dos homens. **Revista Diversidade e Educação**, Rio Grande, v. 13, n. 2, p. 587-604, 2025. Disponível em: <https://doi.org/10.63595/dedu.v13i2.19696>

OVERHOLSER, James C; BRADEN, Abby; DIETER, Lesa. Understanding suicide risk: Identification of high-risk groups during high-risk times. **Journal of Clinical Psychology**, v. 68, n. 3, p. 349-361, 2012. Disponível em: <https://doi.org/10.1002/jclp.20859>

SAGAR-OURIAGHLI, Ilyas; BROWN, June S. L.; TAILOR, Vijay; GODFREY, Emma. Engaging male students with mental health support: A qualitative focus group study. **BMC Public Health**, 20, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1186/s12889-020-09269-1>

SAGAR-OURIAGHLI, Ilyas; GODFREY, Emma; GRAHAM, Selina; BROWN, June S. L. Improving mental health help-seeking behaviours for male students: A framework for developing a complex intervention. **International Journal of Environmental Research and Public Health**, v. 17, n. 14, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.3390/ijerph17144965>

SEATON, Cherisse L.; BOTTORFF, Joan L.; JONES-BRICKER, Margaret; OLIFFE, John L.; DELEENHEER, Damen; MEDHURST, Kerensa. Men's mental health promotion

interventions: A scoping review. **American Journal of Men's Health**, v.11, n. 6, p. 1823-1837, 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.1177/1557988317728353>

SILVA, Caroline; CHU, Carol; MONAHAN, Kierstan R.; JOINER, Thomas E. Suicide risk among sexual minority college students: A mediated moderation model of sex and perceived burdensomeness. **Psychology of Sexual Orientation and Gender Diversity**, v.2, n.1, p. 22-33, 2015. Disponível em: <https://doi.org/10.1037/sgd0000086>

VALE DE ALMEIDA, Miguel. **Senhores de si: Uma interpretação antropológica da masculinidade**. Lisboa, Portugal: Fim de Século, 1995.

WONG, Y Joel; HO, Moon-Ho Ringo; WANG, Shu-Yi; MILLER, I S Keino. Meta-analyses of the relationship between conformity to masculine norms and mental health-related outcomes. **Journal of Counseling Psychology**, v. 64, n.1, p. 80–93, 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.1037/cou0000176>

WORLD HEALTH ORGANIZATION. Suicide worldwide in 2019, 2021. Disponível em: <https://iris.who.int/bitstream/handle/10665/341728/9789240026643-eng.pdf?sequence=1>